

**GT 2. Estado, ideologias e meios de comunicação**

Análise do discurso da imprensa nacional sobre os movimentos sociais da América Latina

Juliana Valentini¹

Vivenciamos um momento que a mídia preocupada com a produção em grande escala de informação, (quantidade sem qualidade) não tem o intuito de realizar uma análise objetiva e crítica. Dessa maneira segundo Antonio Gramsci (GRAMSCI, 2001) entendendo a imprensa como um aparelho privado de hegemonia, cabe analisar quais as versões adotadas pelos meios de comunicação, tendo em vista que os grandes veículos de comunicação pertencem a uma minoria, e representam assim os seus interesses. “A informação tornou-se de verdade e antes de tudo uma mercadoria, sujeita às leis de mercado” (RAMONET, 1999) assim, manipulação torna-se uma necessidade da empresa de comunicação que acaba agindo como entidade partidária, ou seja, deixam de ser instituições da sociedade civil para se tornar instituição da sociedade política. Representando valores e interesses de parte da sociedade (BOCAYUVA e VEIGA, 1992).

¹ Graduanda do 3º ano do curso de História – UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon; Bolsista de iniciação científica PIBIC/UNIOESTE/PRPPG, sob a orientação da professora Dr.ª Carla Luciana Silva e integrante do Grupo de Pesquisa Estado e Poder. End eletrônico: julianavalentini@yahoo.com.br

Ao contar a história do presente a mídia acaba por distorcer a realidade, apresentando como verdade, uma “realidade artificial”, essa visão hegemônica passada pelos meios de comunicação influencia na compreensão, no comportamento e na consciência social. O conceito de hegemonia será entendido como a visão de mundo de uma determinada classe ou determinada fração de classe, que se expressa na concretização de um projeto político na forma de um governo e de Estado no qual as forças dirigentes transcendem interesses particulares dos grupos que aderem a seu projeto, sendo que a base dessa ordem é o consentimento e não a força (BOCAYUVA e VEIGA, 1992).

A hegemonia nos permite ver que a dominação não é um processo de “pura” manipulação, mas há formas de consenso que já são naturalizadas. Embora não se possa ignorar que haja resistência por parte da população ao que a mídia divulga, que não assimila tudo como verdade absoluta, mesmo assim a concordância acaba sendo hegemônica sob determinados assuntos, prevalecendo a visão passada pelos grandes meios de comunicação, cabe então à História Imediata fornecer explicações provisórias e plausíveis.

O presente trabalho pretende analisar quais os discursos e as formas que a imprensa Hegemônica e contra-Hegemônica² noticiam os fatos referentes aos movimentos sociais Colombianos e Mexicanos no período compreendido entre 2003 e 2006.

O mosaico de conflitos Latino Americano

Para que possamos compreender o complexo tabuleiro dos conflitos colombianos se faz necessário percebermos a participação estadunidense e seu projeto neoliberal. A estratégia intervencionista dos EUA foi traçada através de planos que abrangiam toda a América Latina, a Área de livre comércio a ALCA, e o Plano Colômbia – Iniciativa Andina. O quadro que deu origem aos movimentos guerrilheiros na Colômbia está presente na vontade do povo colombiano de combater a burguesia de seu próprio país. As Farc-EP ao longo de sua trajetória levantam a bandeira da reforma agrária, de um governo de justiça social, da democratização, do direito básico das comunidades camponesas como terra, educação, crédito, estradas, entre outras, as Farc- EP - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia contam hoje com o apoio das populações camponesas e indígenas, com as quais mantêm relações de

² O conceito de Contra-Hegemonia será entendido a partir de Pedro Cunca BOCAYUVA e Sandra Mayrink VEIGA. “Como a capacidade que uma classe de construir sua hegemonia, que procura deslocar o equilíbrio dos aparelhos privados de hegemonia e de seus intelectuais na direção de elaborar sua visão de mundo própria, autônoma. Qualquer ordem social de classe tem sua força de reserva estratégica não apenas nos mecanismos de violência militar, as, principalmente, na capacidade de manter concepções de mundo unificadas que façam com que os grupos sociais não vejam outro horizonte diferente daquele que lhes é apresentado pela ordem vigente”.

proteção, muitas delas são assoladas pelas investidas paramilitares e acabam por aproximar as comunidades da guerrilha, em busca de proteção.

O processo de criminalização das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia e a sua associação ao tráfico de drogas, ao terrorismo (principalmente após setembro de 2001) é realizada com amplo apoio do governo da Colômbia, dos Estados Unidos, e de grande parte dos meios de Comunicação. Esse processo de criminalização se reverte em justificativa para as inúmeras intervenções militares na Colômbia, afinal ao combater a guerrilha não só se combateria uma forma de delito (produção e tráfico de drogas, seqüestros, ataques...), mas também se proporcionaria segurança ao povo colombiano. Nessas condições o governo colombiano justifica a intervenção estadunidense.

Não se pode negar que o imposto cobrado sobre os narcotraficantes é uma importante parcela dos recursos da guerrilha, e indispensável para a sua manutenção, para a compra de armas e alimento.

A decisão de cobrar impostos dos narcotraficantes e de reverter os fundos para a guerrilha revela o caráter político do movimento. Nas zonas sob controle das FARC- EP não se vende nem se consome droga. As FARC- EP protegem os produtores camponeses, ao passo que os aliados políticos e militares dos EUA e seus bancos comercializam as drogas e lavam os lucros (PETRAS, 2002, p. 53)

Os impostos advindos do tráfico não são a única fonte de lucros, o movimento cobra impostos dos passageiros e das companhias petrolíferas que estão obrigadas a pagar para continuar produzindo. Segundo Pedro Ortiz em seu artigo México Rebelde, *“o governo e a sociedade norte-americana são os principais responsáveis pelo narcotráfico no mundo são o principal consumidor mundial ficando com pelo menos 75% com os lucros obtidos com o mercado das drogas”* (ORTIZ, 2003, p. 286).

No México a intervenção norte-americana tem como resultado o Tratado de Livre Comércio vendido para o povo mexicano como um acordo “que levaria o México para o primeiro mundo” as concessões feitas pelo governo do México tornaram mais aguda e intensa a crise pela qual passava o México no início de 1994. *“A crise persistiu e se agravou (...). O sistema de Estado perdeu muito da sua coerção e sofreu tensões que levaram ao seu colapso nos anos seguintes”* (ORTIZ, 2003, p. 289). Simultaneamente com a assinatura desse tratado estoura no estado de Chiapas um movimento armado composto por milhares de camponeses indígenas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Foi a partir da assinatura do Nafta que teve início uma série de reformas na Constituição mexicana, essas reformas foram interpretadas pelo movimento Zapatista como uma sentença de morte imposta pelo governo. Diante dessa situação o levante armado se resume como sendo uma alternativa possível para as comunidades.

As reivindicações Zapatistas vão além do reconhecimento dos direitos das comunidades indígenas, são pela transição para a democracia, por um novo sistema econômico que sirva aos interesses do povo, as reivindicações

Zapatistas são pelo “básico do básico” diz a Declaração da Selva Lacandona, nossa luta hoje é “por trabalho, terra, moradia, alimentos, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz”.

Os índios camponeses são as maiores vítimas das políticas do governo mexicano. Mas sua aflição é compartilhada por muitos. “Quem quer que tenha tido a oportunidade de estar em contato com os milhões de mexicanos que vivem na extrema pobreza sabe que estamos convivendo com uma bomba-relógio”, observou a jornalista mexicana Pilar Valdes. (CHOMSKY, 2004, p. 67).

Através da sua página na internet³ o movimento pode divulgar as notícias sobre a realidade das comunidades indígenas, suas reivindicações básicas, em dimensão internacional, e muitas vezes desmentindo as versões oficiais representa um componente importante na ‘guerra’ contra a desinformação.

A ameaça guerrilheira: uma constante preocupação em Época

Partindo do conceito de hegemonia podemos perceber que a dominação não é um processo de “pura” manipulação, (mas é um dos elementos utilizados no processo de produção de consenso ela só é eficaz porque é indissociada das formas de convencimento) que há formas de consenso estabelecidas que englobam a todos. Essas formas devem ser desnaturalizadas. A análise a ser apresentada corresponde ao primeiro ano do recorte proposto, essa análise será desenvolvida em relação às matérias do ano de 2003 publicadas na revista Época e no Jornal Brasil de Fato. Em se tratando da revista Época a seleção das matérias foi feita nas seções Brasil e Mundo, pois se trata da seção que deveria informar sobre os acontecimentos correspondentes a cada uma delas. Nos primeiros dias da onda de violência lançada por traficantes no Rio de Janeiro em março de 2003, a revista Época dedicou na seção Brasil seis paginas para tratar da violência e da criminalidade que atingiu o Rio de Janeiro, retratada por Época como “Dias de Colômbia” (Época, 03\03\2003, 32) em que o próprio título indica a relação que está sendo proposta no decorrer da matéria. *“Não custa lembrar que o tráfico colombiano só precisou apossar-se de bases regionais – em Medellín depois em Cali - para se transformar num problema nacional que ameaçava políticos e chantageava a democracia.* (Época, 03\03\2003, 34).

A relação que Época propõe diz respeito a violência gerada pelo tráfico no Brasil e na Colômbia, entendida pela revista a partir da comparação entre os traficantes cariocas e os supostos “guerrilheiros terroristas” colombianos, aos olhos de Época, a guerrilha não só é associada à produção e ao tráfico de

³ Seu endereço eletrônico é: <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos.htm#zapatismo>. Acesso em 08/05/2010.

drogas, como diretamente ligada a traficantes brasileiros, devendo assim ser caracterizada como “terrorista”.

Não se pode negar que é cobrado imposto por parte das Farc sobre a droga, e ignorar que este é um recurso necessário para financiar a compra de armas e alimentos. O que é ignorado completamente por Época é a importância da luta das Farc na representação dos interesses básicos dos camponeses (terra, crédito, estradas, educação) seus apelos a educação política e ideológica, os serviços sociais e a lei e ordem que proporcionam. Há uma evidente omissão das circunstâncias que implicaram na formação social das guerrilhas. Ao mesmo tempo em que a droga corresponde a um exorbitante lucro aos bancos estadunidenses que lavam os lucros vindos do tráfico e comercialização de drogas (PETRAS, 2002). Época assume um papel ativo no processo de criminalização dos movimentos sociais, direcionando seu discurso para uma leitura dos movimentos sociais de esquerda dando o enfoque da notícia de acordo com a sua visão. Ao criticar a violência que assola a sociedade brasileira ou ao se referir às guerrilhas colombianas, Época vai retratar em ambos os casos os fatos de maneira isolada, não vai apontar o contexto social que gera a violência no Rio de Janeiro, ou no caso colombiano a estrutura geral da sociedade que deu origem a movimentos guerrilheiros que reivindicam o básico do básico. A matéria se apresenta de forma fragmentada, de maneira a não apresentar discussões críticas e o contexto.

Portanto o periódico construiu um discurso contrário a qualquer manifestação de esquerda e acabou por expressar claramente seu posicionamento político-ideológico. Assim as bandeiras de luta do movimento e o caráter de esquerda são criminalizados criando a idéia de perigo iminente e mistificando todas as suas ações.

Na matéria a seguir vemos uma situação semelhante: “(...) Uribe prometeu vencer militarmente os guerrilheiros. (...) O presidente contava, é claro, com o dinheiro do Plano Colômbia, projeto americano para acabar com o tráfico de cocaína”. (Época 10\11\2003, 94).

Ao se referir à necessidade de adquirir mais poder político e financeiro para acabar com os problemas internos da Colômbia, de acordo com a fala de Época são gerados “unicamente” pela guerrilha, “um grupo que nunca parou de seqüestrar, promover ataques e se beneficiar com o narcotráfico.” Podemos perceber também que Época naturaliza algumas situações como a interferência estadunidense nas relações internas da Colômbia, em especial as iniciativas de combate dos movimentos guerrilheiros com o Plano Colômbia e a Iniciativa andina que em suma pretendem desqualificar os grupos armados que contestam o monopólio e a presença do Estado colombiano em âmbito nacional criminalizando-os e lhes atribuindo caráter terrorista. Época sugere demarcando pela expressão “contava, é claro” (Época 10\11\2003, 94), que a única

possibilidade de combater militarmente as Farc é através da intervenção estadunidense representada pelo Plano Colômbia. A ausência de matérias encontrada na revista *Época* no decorrer dos últimos três anos da pesquisa podem estar ligado a um padrão de manipulação muito recorrente na grande imprensa, o “Efeito Paravento” (RAMONET, 1999, p.30), assim pode ser denominado o processo que gera distração do “grande público” com uma determinada informação para esconder informações passíveis de crítica, ou com maior relevância social.

Brasil de Fato: uma proposta alternativa

Esse tópico tem como objetivo fazer uma discussão a respeito das matérias do jornal *Brasil de Fato*, que se apresenta como uma publicação alternativa entre as demais publicações brasileiras. As matérias selecionadas se encontram na seção América Latina, e Internacional, no primeiro levantamento foram localizadas 57 matérias relacionadas com os movimentos sociais que nos propomos trabalhar, diante da inviabilidade de trabalhar com a quantidade de matérias encontradas no período correspondente a pesquisa, nos propomos a trabalhar com 12 matérias.

Na matéria intitulada de “Bush reforça tropas na AL”, o jornal *Brasil de Fato* vai reportar o envio de tropas estadunidenses para vários países da América Latina, Colômbia, Guatemala, Peru entre outros, essa matéria vem acompanhada de uma foto com a seguinte legenda “Exército colombiano exhibe “troféus” após o combate com supostos guerrilheiros em Carimagua”, na qual aparecem soldados colombianos exibindo os mortos em um suposto combate travado contra uma frente das Farc. De acordo com o jornal, a militarização da região através de *“modelos sanguinários como o Plano Colômbia”* (*Brasil de Fato*, 25-06\09\2003) tem o intuito de impor projetos como a ALCA:

O principal objetivo dos planos militares dos EUA na região é impor a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Eles vieram tratar de um acordo bilateral com os Estados Unidos. A idéia é enfraquecer as tentativas dos governos sul americanos que procuram reforçar o MERCOSUL. Com acordos bilaterais como esse, os países não terão tanto poder de fogo na hora de negociar com a ALCA. (*Brasil de Fato*, 25-06\09\2003)

Identificamos nessa matéria que o jornal *Brasil de Fato* busca contextualizar alguns elementos “esquecidos” pela grande imprensa, nas matérias anteriormente analisadas na revista *Época* projetos como a ALCA não foram retratados, ao mesmo tempo em que a militarização da América latina é vista de modo positivo nas páginas de *Época*, afinal era entendida como a única possibilidade de acabar com o tráfico de drogas e com as atividades supostamente terroristas produzidos pelas guerrilhas. A militarização da Guatemala, autorizada pelo Congresso guatemalteco com a justificativa de

“colaborar com a luta ao narcotráfico e ao terrorismo”, está representando os interesses dos EUA que segundo o jornal Brasil de Fato:

Na verdade, os interesses dos Estados Unidos pela Guatemala se explicam, sobretudo, por que pode servir de base para futuros ataques ao Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que opera no sul do México, e duas semanas atrás voltou à tona no cenário mexicano (Brasil de Fato, 25-06\09\2003).

A relação estabelecida entre o que está sendo noticiado o “fato” e o conjunto de acontecimentos que levaram a este, ou que o explicam, fornece a condição necessária para que o leitor possa tirar suas próprias concepções. No Brasil de Fato as lutas sociais que estavam condenadas ao esquecimento pela grande imprensa são vistas como uma forma de defender os interesses de transformação social. Na matéria “Zapatistas Criam Governos”, localizada na seção America Latina, foi retratada mostrando as atividades que o EZLN constantemente tem desenvolvido, que contemplam as necessidades das comunidades indígenas no sul do México, atividades que na maioria das vezes não são reconhecidas pelo governo mexicano, tão pouco noticiado pela grande imprensa. “*O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) decretou, (...) a criação de juntas do bom governo em cinco zona territoriais mexicanas sob o seu controle* (Brasil de Fato, 21-27\08\ 2003)”. Nas matérias retratadas pelo Brasil de fato esse movimento aparece como representação das necessidades desses indígenas, como um movimento que carrega bandeiras de luta e que tem voz, são retratadas as atividades do movimento e sua oposição em relação às políticas nacionais nesse caso ao Plano Puebla-Panamá (PPP), proposto pelo governo, que segundo os seus defensores facilitaria o comércio na América central, mas este foi entendido pelo EZLN como uma parte estratégica da implantação da ALCA. Assim em relação a este PPP um plano alternativo foi proposto pelos movimentos sociais da região “Plano La Realidade – Tijuana”.

“O plano alternativo dos Zapatistas tem sete acordos e sete demandas. Entre as propostas destacam-se o respeito à autonomia e independência das organizações sociais; a promoção de formas de auto governo e autogestão em todo o território nacional; e o impulso da rebeldia e resistência civil e pacífica frente às disposições do mau governo e dos partidos políticos”(Brasil de Fato, 21 27\08\ 2003).

Estas são as principais demandas do projeto alternativo proposto pelo movimento, vemos que a cobertura de suas atividades e manifestações possibilita uma leitura crítica. O jornal Brasil de Fato busca contextualizar alguns elementos “esquecidos” pela grande imprensa, como podemos perceber ao relacionar com as matérias anteriormente analisadas na revista Época.

Buscamos com esse texto dar um panorama geral das primeiras considerações relevantes advindas dos encaminhamentos de nossa pesquisa, tendo em vista que esse trabalho ainda está em andamento.

Bibliografia

ABRAMO; Perseu. Padrões de manipulação da grande imprensa. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ÁLVAREZ GÁNDARA Miguel. Chiapas: nuevos movimientos sociales y nuevos tipos de conflictos. In: Movimientos sociales y conflictos em América Latina. 1ª Ed. Buenos Aires: Clacso, 2003. Pág.103-125.

BOCAYUVA; Cunca Claudio Pedro. VEIGA; Mayrink Sandra. Novo Vocabulário Político: Hegemonia e pluralismo. Rio de Janeiro: Fase em co-edição com Editora Vozes, 1992.

CHOMSKY; Noam “**O Lucro ou as pessoas?**”. A insurreição zapatista. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Data da digitalização: 2004 [S.I.: s.n]. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org Acesso em 15\03\2010.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do cárcere, volume 2 / Antônio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ORTIZ; Pedro. “México Rebelde” In:América Latina: Encruzilhadas da História Contemporânea. São Paulo: Xamã, 2003.

PETRAS; Jaime. Império e políticas Revolucionarias na América Latina. São Paulo: Xamã, 2002.

RAMONET; Ignácio. Tirania da comunicação. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 1999.

VILLA DUARTE; Rafael. VIANA TRINDADE; Manuela. A ascensão de Uribe na Colômbia: Segurança interna e aliança estratégica com os Estados Unidos na construção do Estado – Nação. In: AIERBE; Luis Fernando. Novas Lideranças Políticas e Alternativas de governo na América do Sul. São Paulo: UNESP Unicamp e PUC – SP 2008.